



Língua e Literatura: um movimento dialógico através da análise de dois poemas

Language and Literature: a dialogical movement through the analysis of two poems

Tamiris Machado Gonçalves¹

Vanessa Fonseca Barbosa²

Resumo: Ancorados em uma postura sociológica da linguagem, tal como a desenvolvida pelos pensadores do Círculo de Bakhtin no Séc. XX, o objetivo deste trabalho é fazer uma breve análise dos poemas *Não me julgais*, *Senhora, a atrevimento*, de Camões, e *O Diamante e o Jacinto*, de Cruz e Silva, demonstrando como ambos se assemelham tanto do ponto de vista da temática quanto da evocação de referências, uma vez que eles costuram seus sentidos baseados em elementos greco-latinos.

Palavras-chave: Perspectiva dialógica. Análise de Poesia. Camões e Cruz e Silva.

Abstract: Anchored in a sociological approach of language, such as developed by thinkers of the Bakhtin Circle in the century XX, the objective of this work is to make a brief analysis of the poems *do not judge me*, *Madam, the impudence*, Camões, and *Diamond and Jacinto*, Cruz e Silva, demonstrating how both resemble both the thematic point of view as the evocation of references, since they tailor their senses based on Greco-Latin elements.

Keywords: Dialogical perspective. Poetry analysis. Camões and Cruz e Silva.

A linguagem literária tem seus sentidos ancorados no universo discursivo que compreende o escrito: todo discurso está encharcado das relações de sentido que estabelece internamente, nas relações que a língua pode criar, e externamente, no que o período em que foi pensado (ou até mesmo na escola em que se situa) porque as nuances do dizer estão elas também entrelaçadas ao mundo. Nessa perspectiva, a leitura de um discurso passa, necessariamente, por encontrar os tons pintados na materialidade do escrito e nas nuances que estão para além dessa materialidade, soltas no mundo, na situação em que o discurso foi edificado, nos interdiscursos que tal escrito estabelece.

Claro que essas afirmações estão ancoradas em determinada perspectiva teórica, a saber, os pressupostos de Bakhtin e seu Círculo, os quais organizam um olhar dialógico para a linguagem, norteado sempre por encontrar relações de toda a natureza; um viés

¹ Doutoranda em Letras/Linguística no PPGL da PUCRS. Bolsista CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa do CNPq: Tessitura: Vozes em (Dis)curso (PUCRS). *E-mail:* mtamiris@gmail.com

² Doutoranda em Letras/Linguística no PPGL da PUCRS. Bolsista CNPq. Membro dos seguintes Grupos de Pesquisa do CNPq: Tessitura: Vozes em (Dis)curso (PUCRS); Laboratório de Estudos Avançados de Linguagens – LEAL (UCPel) e “Diálogos com Bakhtin” (FURG). *E-mail:* vanessa.barbosa@acad.pucrs.br

que entende os elementos verbais vinculados à sua condição extraverbal; um paradigma para observar os objetos meio às valorações que lhe conferem cor. Haverá, certamente, outros pressupostos, concordantes ou discordantes de nossa visão. Nem certos nem errados, somente outros.

Conforme postula a perspectiva bakhtiniana (BAKHTIN, [1975] 2010b, p.88), “o discurso nasce no diálogo com sua réplica viva”, o que significa que, em sua própria produção, há uma orientação em relação ao discurso do outro, observada tanto no objeto do dizer quanto nas respostas a dizeres passados ou antecipações de dizeres futuros. Essas particularidades colocam-no como um centro de valores, cuja inter-relação com outros discursos revela posições axiológicas assumidas por um *eu* que enuncia localizado sócio-historicamente.

Compreender a constituição dialógica do discurso e os seus efeitos de sentidos é uma das atribuições dos estudos da linguagem que, sob uma perspectiva discursiva, voltam-se a discursos em circulação na sociedade. Se os discursos, em geral, possuem especificidades, dependendo do gênero e da esfera em que se materializam, o discurso poético, em particular, apresenta características variadas que suscitam diferentes ponderações.

Por valorizar a enunciação, e reafirmar seu traço social, a teoria de Bakhtin e seu Círculo apresenta-se como uma possibilidade de pensar a linguagem sob a perspectiva do método sociológico, uma proposta diferente dos métodos de sua época. Voloshinov ([1926] 2011, p. 154), em *A Palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica*, explica que o viés sociológico possibilita explicações sobre a linguagem porque esta é produto da criatividade humana. Assim sendo, a abordagem de seus fenômenos pode partir de um olhar social, em um movimento que compreenda a linguagem desde seu aspecto como manifestação de uma sociedade.

No livro citado, Voloshinov visa tratar do enunciado poético. Para tanto, entende que é necessário discutir enunciados cotidianos, porque na fala não artística a essência do discurso aparece em conexão com seu meio social circundante. Essa explicação dada pelo autor dá lugar à discussão de que na vida o discurso verbal não é autossuficiente, pois depende de questões sociais para ter os sentidos instaurados.

Como o discurso surge de uma situação extraverbal, convém observá-lo meio a essa situação, a fim de que o pesquisador possa perceber mais do que forma: os juízos de valor que renovam o aspecto reiterável da palavra, isto é, toda a informação que circunda o discurso e o carrega valorativamente, preenchendo o dado, elemento

linguístico compartilhado por uma sociedade, e apresentando o novo, as nuances de sentido emergidas da situação enunciativa erguida em um tempo e espaço definidos.

Nessa perspectiva, Voloshinov ([1926] 2011, p. 157) expõe que a enunciação é composta de uma parte linguística e outra extraverbal. Para a extraverbal, o autor russo admite três aspectos: 1) o horizonte social compartilhado pelos falantes, isto é, a dimensão social em que foi produzida a enunciação e que se encontram os participantes; 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação e 3) a valoração compartilhada, isso significa dizer que os participantes reconhecem o juízo de valor socialmente sobreposto ao enunciado (p.156). Essa valoração característica é entendida pelo Círculo como o aspecto axiológico da linguagem, é a carga emotivo-volitiva que o enunciado comporta.

A situação extraverbal é parte integrante da enunciação; ela é condição para sua realização semântica (VOLOSHINOV, [1926] 2011, p. 157). Justamente porque a enunciação edifica-se socialmente, é que o método sociológico faz-se necessário para garantir que as análises não se restrinjam aos aspectos linguísticos, pois estes sozinhos não são capazes de dar o valor da enunciação.

O aspecto axiológico da linguagem é uma construção social. A condição de que a enunciação apresenta o dado e o novo é possível porque, para a teoria bakhtiniana, o signo reúne em si essas duas faces: o elemento linguístico socialmente compartilhado e a criação que possibilita a atualização do signo na situação comunicativa em que ele aparece.

Decorre do pensamento bakhtiniano também a associação da palavra a signo ideológico por natureza, o qual “não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929]/2010a, p.32). Assim, tratar dos signos ideológicos em perspectiva bakhtiniana pressupõe um necessariamente ir além das formas da língua, considerando a linguagem em uso, empregada por determinados sujeitos sócio-historicamente situados em uma dada situação comunicativa, a partir de certo projeto de dizer etc. E, nessa rede, “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929]/2010a).

As relações dialógicas concretizadas nos enunciados são, portanto, constituídas pelo plurilinguismo (BAKHTIN, [1952]/2011, p.82) que se fundamenta a partir de duas forças opostas, as quais atuam como centralização (forças centrípetas) e descentralização (forças centrífugas) de valores que organizam e perpassam todo o discurso. Isto significa que o enunciado concreto comporta não só posições valorativas

comuns sob determinado objeto, mas também o agrupamento de visões destoantes que o compreendem.

Segundo Brait (2015, p. 19), “juntamente com embasamento filosófico que deixa traços nos escritos de todos os participantes do Círculo, [...] a articulação língua-literatura vai aparecer como um dos elementos fundadores da epistemologia bakhtiniana”. Daí a possibilidade de compreender os discursos literários a partir desse viés. É oportuno explicar que a perspectiva teórico-metodológica bakhtiniana sempre coloca em relação linguagem, a cultura e os sujeitos situados sócio-historicamente. Isso significa dizer que se irá compreender, por exemplo, o discurso poético, não no sentido de desvendar o que seu eu lírico quis ou o seu autor desejou dizer mas expressar o que o sujeito-leitor encontrou como sentidos possíveis – a partir de seu lugar no mundo, na condição de quem tenta ver nesse discurso aquilo que a época em que ele foi escrito permite desenhar.

Não se está com isso dizendo que o sentido está somente nos olhos do leitor, em absoluto. Ocorre que o leitor tem mais elementos para andar na linha do tempo e perceber o que cada escola tinha como traço característico; o que as relações linguísticas podem deixar entrever quando amarradas naquele período histórico, nas condições que cada autor escreve e quais as valorações advém da relação: autor-tempo da enunciação-arranjo linguístico. Os sentidos encontrados na análise são nossos, outros leitores certamente encontrarão outros. Desde que todos descubram no discurso poético em questão (bem como na escola em que ele está) elementos que sustentem as análises, todos terão realizado leituras competentes.

Diante dessas questões, nosso objetivo, nas breves análises que aqui propomos, é ver que os poemas *Não me julgais, Senhora, a atrevimento*, de Camões, e *O Diamante e o Jacinto*, de Cruz e Silva, podem, de certo modo, ser postos em relação porque apresentam características que se assemelham tanto do ponto de vista da temática quanto da evocação de referências, uma vez que ambos os poemas costuram seus sentidos baseados em elementos greco-latinos. Ainda que as escolas literárias em que os poemas estão situados – Classicismo Português (Séc. XVI) e Arcadismo Português (Séc. XVIII) – estejam distantes temporalmente, elas comungam determinadas características, como o paganismo e o platonismo, porque ambas inspiram-se em ideais da Antiguidade Clássica.

Sabemos que, durante a época clássica, romperam-se as percepções medievais e cristãs e o homem voltou-se para o conhecimento e as experiências adquiridas na antiga cultura. “Os escritores clássicos do Renascimento seguiram a literatura da Antiguidade,

cujos modelos foram imitados ou adaptados à realidade presente.” (FUJYAMA, 1970 p. 29). O Arcadismo, por sua vez, surge tempos depois, tendo como característica principal também a imitação dos modelos Clássicos, haja vista que os poetas dessa época viam neles o “senso de proporção, sobriedade, exatidão que serviam de antídoto” (SARAIVA, 1999) contra as extravagâncias do Barroco, escola posterior ao Classicismo e anterior ao Arcadismo.

Nesse sentido, os dois períodos mencionados compartilham características, uma vez que buscam inspiração na mesma fonte: os clássicos grego-latinos. Ideais Aristotélicos como o conceito de que não há beleza fora da verdade e que o ideal de perfeição estético está nos clássicos (SARAIVA, 1999), os quais são seguidos por ambas as escolas. A referência à mitologia, trazendo em muitos versos a presença de divindades pagãs e a idealização da figura feminina que é comparada, muitas vezes, às Ninfas – figuras mitológicas –; o lirismo amoroso; a razão como aspecto positivo na orientação das ações humanas, também são algumas das características que se estendem às duas escolas. Elementos esses que ficarão mais evidentes nas breves análises que seguem.

O poema de Camões, *Não me julgais, Senhora, a atrevimento*, apresenta a estória de um eu lírico apaixonado por uma mulher. Essa paixão é unilateral, como podemos observar nos versos 2, 3 e 5 em que temos: “O que me faz fazer um mal tão forte/ Que não me basta nele o sofrimento; / que me faz buscar vossa crueldade”. Assim, os signos “mal”, “sofrimento” e “crueldade” refletem o descaso da mulher amada para com o sujeito lírico e refratam a sensação de sofrimento dele. Isso porque essas palavras na língua já estão carregadas valorativamente de sentidos negativos, que refletem e refratam uma atmosfera de desdém, de negação – no sentido emotivo-volitivo que a teoria bakthiniana nos oferece para entender *valoração* (juízo social de valor; acento de valor; apreciação socialmente fixada em determinados campos da atuação humana).

Nesses versos já podemos perceber a valoração de um amor platônico, delineado nessa não correspondência da mulher amada; na ciência do sujeito lírico que percebe um tom sádico quando “busca vossa crueldade”, justamente por insistir no resgate de um amor que o renega; justamente por dar-se conta de que ele se encontra junto a uma pessoa digna do adjetivo *cruel*, socialmente relacionado à dor; à maldade.

No mesmo sentido, apresentando uma situação de amor não correspondido, de um homem por uma mulher, temos o eu lírico do poema *O Diamante e o Jacinto*, de Cruz e Silva. Nele os versos 43, 44 e 45 apresentam “Em as selvas mil vezes se apresenta, / Mil vezes seu amor entra a pintar-lhe;/ Mas a Ninfa cruel lhe atalha às vezes”. Nesses versos, temos mais uma vez a palavra *cruel* e toda a valoração negativa que dela advém. Neles,

podemos compreender que a jovem mulher bela que despreza o amor do rapaz muda sua rotina para não cruzar com ele na mata, atalhando o caminho feito de costume para não o encontrar.

Outra leitura poderia ver nesses versos uma tentativa do eu lírico de declarar-se para a moça – que sempre o impede de fazê-lo. Isso pelo teor do verso “Mil vezes seu amor entra a pintar-lhe”, que podem discorrer sobre esse eu lírico que muito já tentou expor seu amor. Ao encontro desses sentidos, estão os versos que seguem (63, 64, 65, 66 e 67), onde mais uma vez o eu lírico busca declarar-se, mas ganha apenas rejeição:

A seus pés se lançou, e a persuadi-la
Com brandos rogos entra, que piedade
De seu tormento sinta: mas apenas
A falar começou, a crua Ninfa
As costas lhe voltou, como de costume.

No poema de Camões, a declaração do sujeito que ama também acontece. No verso “Não vos pude calar esta verdade” (v.7) o eu lírico expressa seus sentimentos para a mulher amada, pois o signo ideológico “verdade” representa tudo o que ele sente, toda a paixão que ele nutre por ela, já que essa palavra está atravessada socialmente por nuances de crença; fidelidade com os fatos; relacionada com sinceridade; vinculada com os mais puros sentimentos. Em Camões também aparece o descaso da mulher amada para com o sujeito lírico: “Até quando, Senhora, e até quando / Terá lugar em vós vossa crueldade” (v. 39-40), assim como demonstrado nos versos de Cruz e Silva.

Além do amor com valoração platônica, a presença da mitologia greco-latina é traço comum às duas obras aqui citadas. Em *O Diamante e o Jacinto*, assim como em *Não me julgais, Senhora, a atrevimento* temos o Cupido representando os deuses pagãos. Nos versos de Camões “Ah! Duro Amor, cruel e desumano!” (v. 12) e de Cruz e Silva “Amor, cruel, Amor! Quem teus arcanos,/ penetrar poderá? (...)” (v. 127-128), os sujeitos apaixonados reclamam as atitudes de Cupido – o qual nos poemas está representado pela palavra *Amor*, escrita com letra maiúscula. O Deus do Amor nesses versos, para o eu lírico, mostra sua maldade, por deixá-lo passar por tamanho sofrimento, uma vez que padece de um amor não correspondido – em ambos os poemas em análise. Quem sabe aí, temos o Cupido vestido por tua versão mitológica como criatura travessa, maliciosa (cf. BULFINCH, 2006; p. 117).

No que tange à presença de figuras mitológicas, especificamente em *O Diamante e o Jacinto*, temos a ninfa, criatura que representa a mulher jovem e bela; o espírito natural feminino. Temos também a menção a Jacinto, jovem mortal célebre por sua beleza e amado por divindades (ibidem, p. 97-98).

Nos versos mencionados, cada sujeito-lírico é consciente da interferência divina na vida humana e também das artimanhas e travessuras de Cupido, pois que nos versos referidos reclamam dele – Amor. Suas queixas aparecem meio a densas palavras como “cruel”, “duro” e “desumano”. A consciência das armações desse deus, no entanto, não os impede de acreditar no amor e tentar persuadir a mulher amada, conforme podemos perceber nos versos: “Vos quis manifestar meu mal, sabendo/ A quanta desventura se aventura” (Camões, v. 30-31) e “Os suspiros que em vão me saem do peito” (Cruz e Silva, v. 80).

O eu lírico se mostra consciente em Camões ao se declarar para a mulher amada, ciente do seu insucesso. No mesmo sentido, expressa-se o sujeito lírico de Cruz e Silva, uma vez que ele tem a consciência de que sofre em vão por amor, pois é sabido que a criatura que deseja não o quer.

Outro aspecto comum às duas obras é o lirismo amoroso. Nos versos “Donde só por remédio espero a morte” (Camões, v. 6) e “(...) Eu morro e morro/ em parte satisfeito, porque creio que só morrendo posso contentar-te” (Cruz e Silva, v. 119-121) exprimem o estado de alma do eu lírico. É um manifesto ardente dos sentimentos que é capaz de pensar que somente a morte será o remédio, o alívio que o libertará do sofrimento gerado por esse amor incompatível. Aparece, nesses trechos, mais uma vez a razão.

No primeiro verso citado, o sujeito reconhece o conflito amoroso que está vivendo e acredita que a morte o solucionará. No segundo trecho, o eu lírico sabe que sua morte pode contentar a amada, uma vez que a livrará de um amor indesejado. Portanto, nos dois poemas temos sujeitos conscientes de seus conflitos passionais. Ademais, a máxima do amor pode ser identificada na atitude de devoção “que só morrendo posso contentar-te” (Cruz e Silva, v. 121), em que o eu lírico, para o bem da amada, prefere a morte; e, em Camões, por acreditar que a morte seria “Um suave remédio, doce e brando” (v. 38).

Assim, em poucos parágrafos, uma breve análise foi feita acerca dos poemas *Não me julgais, Senhora, a atrevimento*, de Camões e *O Diamante e o Jacinto*, de Cruz e Silva a fim de identificar sob quais aspectos essas obras se aproximam. Foi observado que existe um ponto de intersecção entre os dois textos, haja vista que dividem características como a mitologia pagã; a presença de um tema amoroso, quando manifestam o dissertar de um amor ideal não correspondido; o uso da razão, manifestada no sentido de que o

“racionalismo clássico não significa de modo algum a ausência de emoção e sentimento” (MOISÉS, 1987 p. 61), uma vez que os poemas em questão versam o sentir do eu lírico em relação a uma mulher. Essa razão aparece, sim, através da consciência dos sujeitos líricos que, ao longo do poema se mostram cientes do conflito amoroso pela qual estão vivendo.

Essa afinidade entre ambos os textos acontece devido às duas escolas, Classicismo e Arcadismo, buscarem referência no período Clássico greco-romano. Daí o Arcadismo ser chamado de Neoclassicismo, pois essa escola retomou os valores da Antiguidade que já tinham sido resgatados no período do Renascimento e estavam presentes na escola que a antecedeu, o Classicismo.

Dessa forma, como visto neste artigo, podemos analisar os textos “Não me julgais, Senhora, a atrevimento”, de Camões e “O Diamante e o Jacinto”, de Cruz e Silva à luz desses dois períodos literários, justamente porque as escolas se assemelham por características. No entanto, é importante salientar que cada uma, ao mesmo tempo que se inspirou na arte antiga, também adaptou essa inspiração à sua época.

Nos versos de Camões, a Senhora é construída a partir dos arquétipos de sua época. É constituída dos formalismos da corte, por isso o cuidado no trato descrito no primeiro verso “Não me julgais, Senhora, a atrevimento”. Já em Cruz e Silva, “Arapira nasceu, Ninfa a mais bela, / Que virão em seu seio aquelas matas”, o que deixa entrever um clima bucólico que compõe uma figura feminina como elemento ligado à natureza, justamente nos moldes das escolas arcadistas (neoclacissistas) da época que exaltavam o natural.

Nas breves análises aqui desenvolvidas buscamos tratar da linguagem em um viés dialógico, considerando que “uma análise sociológica, supõe-se, pode partir somente da posição verbal e linguística de uma obra, e assim não deve e não se fechar em seus limites como o faz a poética linguística” (VOLOSHINOV ([1926] 2011, p. 170). Em outras palavras, buscamos tratar da linguagem a partir de seus viés intrinsecamente ideológico e social, considerando também que o ouvinte/leitor/destinatário participa ativamente do processo de instauração de sentidos e, por isso, pode validar algumas leituras e rejeitar outras, a partir do seu repertório de conhecimento de mundo e valorações compartilhadas, uma vez que “a forma lírica é especialmente sensível à posição do ouvinte” (idem, p.176). Portanto, desejamos, através deste pequeno trabalho, poder manter o processo dialógico de leitura dos poemas com outros autores e leitores que desejarem participar desse ininterrupto e sempre contínuo fluxo de produção de sentidos da e na linguagem, principalmente a literária.

Bibliografia

AMORA SOARES, Antonio. *Presença da literatura portuguesa*. São Paulo: DIFEL, s/a.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV, V. N.) *Marxismo e Filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*.(1929). Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010a.

_____. Os gêneros do discurso (1952-1953). In: _____. *Estética da criação verbal* [1979]. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

_____. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance* [1975]. Trad. Aurora F. Bernardini et. al. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010b.

BRAIT, Beth. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2015.

BULFINCH, Thomas. *O livro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

FUYIAMA, Y. *Noções de literatura portuguesa*. 5 ed. São Paulo: Ática, 1970.

MOISES, Massaud (org). *A literatura portuguesa através dos textos*. 25° ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. *A literatura portuguesa em perspectiva*. São Paulo: Atlas, 1993.

_____. *A literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1987.

SARAIVA, Antonio José. *Iniciação à literatura portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VOLOCHÍNOV, V. (Mikhail Bakhtin). A Palavra na vida e na poesia introdução ao problema da poética sociológica. In: *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. Trad. Allan Pugliese, Camila Scherma, Carlos Turati, Fabrício Oliveira, Marina Figueiredo, Regina Silva e Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro e João Editores, 2011.